

LISBOA
15-NOVEMBRO-1919
ANO I-N.º 6

O RISO D'A VITÓRIA

DIRECTORES
JORGE BARRADAS
HENRIQUE ROLDÃO

NO CAFÉ...



— Então a Alemanha quer engulir a Rússia!
— Pois sim, mas nós, os «aliados», havemos de a fazer evacuar!

O RISO

D'A VITÓRIA

QUINZENÁRIO HUMORÍSTICO

COMPOSIÇÃO: TRAVESSA DO CORPO SANTO, 9
IMPRESSÃO: RUA DO MUNDO, 57
NÚMERO AVULSO 5 CENTAVOS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
CAIS DO SODRÉ, 52
PROPRIEDADE DE «A VITÓRIA» LIMITADA

ANÚNCIOS: CONTRACTO ESPECIAL
TELEFONE-C: REDACÇÃO 5104
ADMINISTRAÇÃO: 5108

RAZÃO DE PÊSO

Sai o presente número do *Riso da Vitória* com quinze dias de atraso. Cuidarão os leitores que a coisa é devida a uma suposta solidariedade com os combóios nacionais cu que nos deixámos adormecer sobre os louros dos cinco primeiros números. Nada disso. O *Riso* só hoje sai porque... não poudé sair mais cedo.

Repararam naquêlo cavallo que illustrava a página central do nosso número anterior?

Pois não calculam o trabalho que êle nos deu para o segurarmos e não se passar para a última! E' que o papel era de tão má qualidade que o cavalheiro entendia que lhe não era defeso andar a passear de lado para lago, não se lembrando o maldito que por onde passava punha as coisas de tal jeito que ninguém lia coisa alguma do que lá estava escrito! Vai daí lembrou-se a gente de arranjar papel melhor,

mas (aqui é que a coisa foi falada) o papel que havia custado mais que o jornal todo! Era-nos impossivel comprá-lo e vendê-lo sem aumentar o preço do quinzenário! Ora isso não podia ser, e por maioria de votos resolvemos voltar á antiga procurando contudo evitar as manchas escuras para que a prosa não ficasse lezada. Mas qual? Quando nos voltámos de novo para o antigo papel, o maldito que tinha ido brincar ás escondidas com a Prado, com a Abelheira e com a Companhia dos Caminhos de Ferro, escondeu-se de tal maneira que não houve fórma de dar com êle! Além disso o Jorge Barradas adoece dos olhos e a encravação foi completa! Que apareça por aí alguém capaz de resolver a questão! Não apareceu ninguém, e por isso, só hoje sai o sexto número do *Riso da Vitória*. E foi assim que resolvemos a questão com honra para ambas as partes.

UM CASO EXTRANHO

O nosso amigo Roberto Sales, trouxe a esta redacção a carta seguinte, encontrada por êle perto da vala comum, quando andava a veranejar.

Sr. redactor:

Escolho o seu jornal, para recetáculo das minhas confidências *in-extremis* por ser o único que a sério se interessa pela vida do nosso desgraçado país, tão digno de melhor sorte.

E' um suicida que lhe escreve!... ou antes, é um morto que fala; á hora em que ler esta carta, estarei na casa dos anéis a escolher algumas para vender mais caros, no outro mundo.

Quem sou e quais as causas do suicídio? — Adivinhei ambas as perguntas formuladas pelo intelligente cérebro de v. ex.^a

— Vou responder.
Chamei-me Anastácio Contento, fui quando vivo detentor de quarenta anos de existência e auferia cincoenta escudos mensais, exercendo o lugar de continuo no Ministério dos Açambarcamentos. Fui solteiro, porque nunca encontrei quem me quizesse... e vivi sempre só, embora algumas vezes andasse mal acompanhado.

Entrando no assunto fatal vou expôr ao rutilante cérebro de v. ex.^a as causas remotas do meu auto assassinado—e chamo-lhe assim porque foi um auto a causa da minha futura desparição d'êste desgraçado país tão digno de melhor sorte.

Foi um automóvel o meu assassino—mas por amor á verdade... não tenho dúvida em declarar que não pertenco a A. C. V. P. A. M. (Associação Classe Vítimas do P. A. M.) Não foi um automóvel do Estado que me vitimou, mas sim um carro particular, adquirido pelo seu proprietário por trescentos milhões de escudos fora o *chauffeur* que é pago ás prestações mensais de cincoenta mil réis.

Receamos sucintamente o orrorado.
Foi a 22 de maio!—A primavera sorria... eu sorria também ao sair de casa, a caminho da repartição! Almoçara bem—om peixe espada succulento.

De repente, porém, lembro-me de consultar o relógio. Olho... e pasmol! O relógio parára... e eu fiz o mesmo para lhe dar corda,—mas por mais que fizesse... o maldito recusava-se a trabalhar enquanto os ponteiros cantavam a Internacional. Desisto... para não irritar os relógios avançados... e procurei saber as horas.
Olhei para dentro duma loja — Horrôr! Apecebi-me que passava já das duas da tarde! Tinha faltado ao ponto... eu... um funcionário que modestia á parte nunca faltara.—Açodado procurei um eléctrico.—Mas por azar meu, os carros não circulavam—A Companhia tinha-lhes roubado a corrente, e segundo consta para empenhá-la, para aumentar os ordenados do pessoal.

Nisto avança rápido em minha direcção um automóvel descoberto, pintado de amarelo. Descobri-me também, visto o sujeito que lá dentro ser meu conhecido.

De repente, uma ideia—uma triste ideia. Fiz-lhe sinal e êste parou e carro também.

—Precisas alguma coisa Anastácio? pergunta o meu amigo.

—Oh! Liberato amigo—retorqui eu—se tu me puzesses na repartição.—Eu estou atrozado... e...

—E' já! salta! interrompeu o meu amigo. E eu saltzi, decidido, embora com certo receio, pois com vergonha o confessei—estava virgem de andar de automóvel.

Agora, em duas palavras devo dizer-lhe que êste meu amigo era um novo rico, antigo policia da preventiva, tornocera ao governo para expedir para as colónias, duas toneladas de vadios de ambos os sexos.

O estado deru-lhe por êste fornecimento d'usentos mil escudos para êle comprar umas luvras a sua medida. Soubte depois que os tais vadios tinham sido expedidos como amostras sem valor e que tinham voltado á metrópole desgostosos por os pretos não usarem carteira nem relógio.

Mas... prosigá o dialogo

—Viêste ao pintar... disse eu sufocado pelo vento que o carro deslocava.

—Quê? perguntou Liberato... fala mais de riço... o motôr faz barulho.

—Viêste ao pintar repeti engulido 250 gramas de poeira falsificada.

—Se o mandei pintar? voltou êle em altos gritos—Estas parvo! O motôr não leva trinta...

Não insisti...; uma rajada mais forte arrancara-me o chapêo da cabeça.

Presumi que no céu estivessem tocando a Portuguesa.

—Reparaste nesta subida... berrou o meu amigo ao virar para o Chiado.

—Reparei... E a rua do Carmo...!

—Não é isso! Pergunto se me viste mudar de velocidade?

—Não vil! Temos viado sempre tão depressa que não ha tempo para reparar se vais mais devagar.

—Pois viemos sempre em terceira!

—E também onde eu eu costumo ir a Cascais—E tão boa como as outras e custa mais barato.

—Eh mulher!! Eh! mulher... vocifera o Liberato tocando desesperado, uma especie de cega rega. Ergo-me anciado!

Um desastre com certeza! Esmagámos alguém! Mas não... felizmente a mulher afastou-se a tempo... de me ferrar com uma mão de nabos na cabeça.

—Oh camarada... vai mais devagar... supliquei...

—Êstes diabcs parece que não ouvem! grita o Liberato... sem ouvir o que eu lhe pedira...

E enfiou pela rua do Mundo!

—Oh! diabo... disse allito... olha que vais errado, a repartição é no Terreiro do Paço!

—Bem sei! Ha tempo! Já agora quero que goses o carro! Olha que é um Buick de trinta cavalos!

Seatei-me desanimado a catalogar as oitalmias que já tinha adquirido durante o passeio. E o automovel avançava ao despique com a circulação fiduciária.

Consultei o relógio! Vi que eram trez da tarde, paguei a consulta, e levei as mãos aos olhos; mais um grão de poeira se me alojara na orbita esquerda,—com êste já cá tenho trinta grãos—Se vierem mais deixo-os apodrecer e vendo-os ao Estado.

—Sabes onde estamos, berra o meu amigo em tom triunfante?

—Sei lá... repliquei eu levando a mão a espada do peixe que comêra de manhã.

—No Lumiar...!

—Mas ô homem... olha que eu péro o emprego...

—Eu é que péro a paciência se continuas a massar-me.

Chamei-me outra vez! o vento agora, para substituir os barbeiros, cortava-me a cara e além disso constipava-me até aos canos das botas.

Nisto um desgraçado pintainho metê-se entre as rodas d'anteiras do carro. Não me pude conter que não gritasse.

—O' Liberato... enxota o pinto...

Mrs isso sim! O carro passou esmagando o infeliz gatinacio, como se tora um ente racional.

—Eis-nos nos Olivais... berrou o meu inimigo.

Não respondi—Um salavanco atirara comigo para os quintos da carroserie...

De repente um estoiro formidavel! Pulei de susto! Seria o Teófilo Duarte? Não!... Era um desarranjo; o carro estacou e eu desmaiei nos braços duma valeta.

Quando voltei a mim, o meu inimigo envergava uma blouse, e manciava um ferro, quinado, manifestando no rosto um ferro muito maior.

—Anda... levanta-te... ordenou êle—Segura-me no macaco.

Olhei-o ruborizado! Que ideias seriam as suas!

Depressa vi que me enganára! Referia-se a um pequeno aparelho que serve para levantar as rodas.

—Foi uma câmara que rebentou!

—Enquanto não houver a dissolução...

isso tem que se dar... repliquei muito politico.

—Temos aqui para meia hora... resmungou o Liberato... chega para cá a bomba!

Nova suspeita e novo engano! Tratava-se de encher a câmara d'ar. E agora ahí estou eu obrigado a um exercicio, extenuante, só comparado ao dos trabalhadores do Parque Eduardo VII.

Resfolguei... suei a dar a bomba e de tanto ar que deslocava tive um ataque de falta de ar...

Resumindo, sr. redactor—o carro poz-se de novo em andamento.—Os frinta cavalos corriam á desfilada atropelando outro cavallo que fez trinta e um.—Passámos Alhandra, Azambuja, Santarem, numa carreira doida.

Num certo ponto, como o carro levasse o escape aberto, escapei-me por êle e caí na estrada—O Buik sumiu-se rápido, desaparecendo dos meus olhos o horror da sua *carrosserie* amarela.

Quando ao meu amigo, disse-lhe adeus como manda a cartilha maternal do Zé do Bordo.

Hum! Sempre era um melro de Buik amarelo...

Meia hora depois, achava-me na estação de Santarem esperando o rápido, que chegou atrozadissimo, o que é sempre honroso num país de adensamentos.

Não relato as peripécias da viagem. Cheguei á repartição com um atrazo de tresentas e vinte e duas horas e quando eu ia despachar um saco com desculpas... offereceram-me a demissão recheada de sindicâncias.

Eis, sr. redactor, a causa do meu suicídio. Sindicado e mal pago, não posso viver neste desgraçado país, tão digno de melhor sorte.

Ainda não escolhi o género de morte. Pensei em mandar vir catálogos do outro mundo, mas depois inclinei-me para o veneno. Vou pedir ao sr. Brito Camacho o frasquinho que êle costuma uzar.

De v. ex.^a—cadáver respeitoso

Anastácio Ex-Contento.



Dezembrismóbia



—E mais! Requeiro que seja riscado do calendário o mês de Dezer brof...

CÉU VELHO

Por VULCANO.

Noticiam os jornais que está prestes a chegar a Lisboa uma bailarina de mundial renome que se faz acompanhar de uma vistosa girândola de dançarinas e que vem fazer as delícias do lisboeta pacóvio.

Fartos sucessos esperam decerto a famosa saltarela que um dos próximos *sud-express* vai despejar na estação do Rossio.

Mas não cuide, D. Ana Palows, que nos deixará de boca aberta, porque o nosso portuguêsinho, agafanhado e bailariqueiro já está muito habituado a danças.

Em política ninguém nos ganha na dança do Vira. A política alcatruzeira que há tanta dezenas de anos nos enreza a existência, não para neste lúrico «vira tu e vira eu» que nos diverte mas que nos custa os olhos da cara.

É uma cegada infernal que dura todo um Entrudo de 365 dias, onde o fadista de hoje é o polícia de amanhã, e o galego de ontem é o pinoca do dia seguinte, e siga a dança.

Em família, lusitano aguerrido a quem a vida não quadra, arma em casa um bode de buzanada que faria inveja ao mais pintado casse-teteiro policial. É outra dança muito portuguesa: a *Chulpa* com variações da *Cantina Verde* que neste caso pode ampliar-se até ao pau de marmeleiro ou ao cavalo-marinho.

E no tocante a quadrilhas? Oh! Temos o simpático grupo coreográfico dos açambarcadores de géneros, com o bailão do bacalhau pôdre, a tarantela do azeite rançoso e o tango fatal da batata bichosa. Que tragédia, Quintiliano Marco Túlio, como diria o sr. Nunes da Mata!

E as valsas do P. A. M. que buzinam um cidadão desta pr'a melhor com tanto desembaraço que não há Tota nem Pona que as descongestione?

Já vê a D. Ana bailarina que se nos tris ca esse meio cento de saltarilhas para nos embasbacar, pode arripiar camilão porque perde o seu tempo, mas se vem, como cuida, com o simples propósito de nos proporcionar umas noites de prazer, então venha depressa e pode deixar pelo caminho os estalermos que por acaso a acompanham.

Aparêça-nos, embora, com o seu séquito reduzido a uma dúzia, mas que essa dúzia seja composta daqueles diabinhos tentadores que, sem custo, fazem andar a roda a cabeça traca do alfacinha rapioqueiro.



Leal da Camara

Pertence ao laois primcroso de Leal da Camara, o desenho que hoje ilustra a nossa página central. Falar de Leal da Camara é fazer a vasta história dos grandes jornais humorísticos *A Marseheza*, *Assette au Beune* onde a sua ironia foi o paillete caricatural que demoliu irreverente os ridiculos do tempo. Hoje, Leal da Camara abriu um novo horizonte á nossa admiração, com a ideia da Aldeia Portuguesa na Flandres. Que todos os portugueses saibam ter por ele o mesmo respeito e admiração que nós, e lhe tributem como também fazemos, o nosso apoio e o nosso agradecimento sincero.



O RISO DOS OUTROS



O Patrão: Não compreento porque se desesperaram! Não sabem que o dinheiro não é a felicidade?

(Da Espanha)



—O que é que os senhores querem mais? Já baixel as calças quarenta e nove por cento!

(Do Le Journal amusant)



ENTREVISTA COM O DR. BERNARDINO MACHADO

(CARTAS DUM FORASTEIRO)

Meus filhos:

Conforme mandei dizer li fui visitar o dr. Bernardino. Foi ele próprio que veio abrir a porta e disse que já me esperava. Fiquei muito admirado porque eu não o conhecia sendo de retrato, e ele então disse, que era meu amigo, e perguntou-me por voçes todos com uma satisfação que até fiquei moribundo.

Depois tive com ele a seguinte conversa: —Então, senhor doutor, que há de novo? —Nada, meu amigo; isto é, você sabe que os Dezembristas...

—Não, senhor, não sei. —Pois é verdade, o Presidente da República...

—O sr. António José? —Não, o verdadeiro, o autêntico, sou eu. —Mas...

—Enquanto lór vivo hei de ser sempre Presidente! —Oh! Não sabia!

—Não sabia porque os Dezembristas... —Quem havia de dizer! —Porque a Constituição foi violada! o verdadeiro presidente sou eu!

—Essa agora! —O meu amigo compreende! Os Dezembristas... —Estou banzado!

—Por isso é que eu sou Presidente da República! —Pois está claro!

—Embora os Dezembristas... —Sim... sim, compreendo... —Ora aí está! Onde se prova que o autêntico Presidente da República...

—É V. Ex.ª! —Justo! E os Dezembristas... Nisto um papagaio que estava na janca a falar com um retrato do sr. dr. Atonso Costa bordado a missanga, disse qualquer coisa que eu não percebi.

—Ouvii? —Disse o dr. Bernardino Machado. O papagaio já sabe!

—O quê? —Que eu fui eleito senador! Deu-me um trabalhão para lho ensinar a dizer! Mas ia eu dizendo os dezembristas...

—E o presidente da República... —Isso mesmo! Percebeu? —Tudo!

—Ora ainda bem! Porque eu ainda hei de ser outra vez presidente nem que seja duma junta de paróquia!... —Está claro! E os dezembristas... —Tal qual!

—Compreendo perfeitamente! A Presidência da República... —Juntamente com os dezembristas...

—O Bernardino Machado foi ministro da monarquia! —Era o papagaio que falava à janca! —Vê? —diz o doutor — Os Dezembristas...

—Muito bem... e o presidente... Uma criada veio interromper esta interessante conversa, trazendo um livro na mão.

—Aqui tem, —diz-me o doutor dando-me o livro — uma recordação da nossa conversa.

Olhei para a capa e li *Notas dum pai*. O doutor veio acompanhar-me á porta, deu-me muitas recomendações para voçes e eu fui para casa muito contente com a visita.

Em casa não pude deixar de ler o tal livro que ele me deu *Notas dum pai* e que é muito bonito. Ao acaso copio este bocadinho para voçes fazerem ideia:

- Coeiros, 5.
- Fraldas, 8.
- Babêtes, 10.
- Peúgas, 3 pares.
- Toucas, 2.
- Papagaios, 4.
- Ligaduras pa a o cordão umbilical, 6.
- Recomenda á lavadeira para não deitar coloreto.

Como vêem, é muito lindo. Há por cá muita falta de bacalhau, mas dizem os joraais que é porque ainda não está bem pôdre, e que assim que apodrece algum que o põem logo á venda. Saudades do vosso prí.

ADÃO.

P. S. Há três noites que acordo a dizer: Presidente, Dezembristas e o médico disse-me que se eu não me distraísse que dava em maluco, mas não há de ser nada se Deus quizer.



A tragédia dum guarda freio

por Alfredo Abril

Nascera no distrito da Guarda, guardara cabras em pequeno e viera para Lisboa onde se empregava como guarda dos freios numa cavaliária.

Era um bom rapaz. Filho dum guarda-portão, meto dum guarda-noturno, saíra da sua terra em direcção á capital no intuito de guardar napos, que ele não sabia o que era mas que desde muito novo ouvira dizer haver com abundância em Lisboa e arredores. O papel de *guardanapos* atraía-o, seduzia-o, pelo imprevisito e pelo desconhecido, mas logo que na cidade se encontrou e se empregou nesse serviço e viu que tinha que estar desde manhã até á noite, numa tasca, a limpar com as mãos e os queixos dos fregueses, desistiu e buscou outro emprego. Foi então que na cavaliária do sr. Magriço, arrançou um emprego como guarda dos freios dos cavalos.

O sr. Magriço, que era conhecido, era o que se chama um belo cavaleiro muito dado ás damas, mas apesar de negociar em limões doces, era ácido bastante porque morava na Rua dos Vinagres. Por isso o pobre guarda dos freios vivia triste e pálido. Contava as suas tristezas a um guarda fiscal que casara com uma sua prima que guardava as cancelas do comboio numa passagem de nível, enquanto dava passagens aos passageiros e nas calças do marido. O guarda fiscal contou por sua vez as desgraças do primo guarda-freio a um civico que nas horas vagas envergava um guarda-pó e fazia guarda-fatos na rua do Guarda-mór. Foi o diabo, porque o guarda civico deu com a lingua nos dentes de tal forma que até a magoou e dali a dias chegou aos ouvidos do guarda-livros da casa que contou ao patrão o que se passava.

Espantoso! O guarda-freios estava apaixonado! Ah! mas isso era az umbroso!

—E ela? —perguntou o sr. Magriço! —Não lhe liga a menor... —E ainda para mais é menor... —Ah!

E o sr. Magriço emagreceu bastante. Passaram-se dias. E o guarda-freio começou, com o amor e as moscas, a dar algumas provas de alienação mental. Mental sempre ele fora um pouco, porque mentia muito, mas alienação nunca tivera. E havia provas. Tíham-no visto a provar factos, a provar vinhos... Coitado! Tão bom rapaz! E a sua loucura começou por se julgar chinês, e tanto que estragou muita loiça ao patrão, pois encostava a mão á cintura, curvando o braço como se fosse uma asa e pretendia pendurar-se no guarda-loiça... E dava guinchos nos ganchos que metia alheio por todos os lados.

Mais tarde, o desgraçado guarda-freios julgou-se guarda-chuva e pas-ava horas á janca do 1.º andar, quando chovia, com uma púcara na mão, a enche-la de chuva e a despejá-la depois pela casa fóra, na lancia de guardar chuva...

Uma vez lechou-se por dentro, despejou água, despejou, despejou, até fazer uma inundação de forma que foi necessaria uma escada para entrar pela janca. Passava um guarda-marinha na ocasião, que amarinhou por ela e foi buscar e infeliz quasi morto, afogado, desmaiado, engasgado, com as vias respiratórias cheias de água.

Juntou-se gente. —Depressa, depressa um especialista das vias respiratórias! —bradavam todos.

Era na sala de entrada da casa. Lá fóra chovia a potes. Sairam muitos correndo. Momentos depois chegava o primo guarda fiscal, que abrindo o guarda-vento, lechou guarda-chuva e apresentou junto da cama do guarda-freios um especialista no assunto: | um limpa-vias da Companhia Carris...

TRANSCRIÇÕES

O *Nuevo Mundo* novamente nos honrou com a transcrição duma página, bem como a *Gazeta da Figueira* com a transcrição do artigo *Os festejos da República*. Os nossos maiores agradecimentos.

NA TRAUTITANIA — O

REVISTA DA QUINZENA 'CRÓNICA'

A política portuguesa nasceu sob a influência de *Aries*, como o nosso progresso sob a protecção de *Cancer*. Para pessoas viajadas ficariam por aqui; mas para quem nunca teve posses para fazer uma simples digressão pelo *Zodiaco* — nem mesmo com bilhete de banhos — é necessário consultar o guia. *Aries* chamavam os antigos ao carneiro para o poderem passar para Espanha onde o vendiam como galinha no tempo das guerras Púnicas. *Cancer* é uma alcunha que puzeram ao carangueijo por ele andar para trás. Ora sabido isto, vejamos porque motivos o *Aries* foi, e será o patrono dos nossos destinos.

O Carneiro (na ausência não há senhoria) longe de ser um símbolo, como muitos pensam, deu, pelo contrário, o seu corpinho ao manifesto em várias revoluções eleitorais ao som do hino da Carta e vivas á monarquia.

Porque era monárquico? Não! Porque era alimentício. Ele foi o cúmplice inconsciente de muita pouca vergonha e, sobre o seu dorso lanzado e fôfo, subiu muita abóbora ás culminâncias do poder.

Um dia, tudo mudou: hino, vivas, caras, corôas, títulos e bandeiras. Mas *Aries* ficou. *Aries* imolado aos deuses pagãos passaria a imolar-se aos civis pagantes, continuando a ser aproveitado nos transportes para o poder. E assim se faz. Lá estava ele nas eleições passadas, grave e melancólico, sereno e apocalíptico.

Chegado porém o momento solene, quando as preces se erguiam



suplicando-lhe a benéfica chuva de votos. *Aries*, mais carneiro que nunca, levantando a cabeça e encarando a assembleia, disse com altivez: *Sósinho eu, para tanta gente? Livro! Quem não tem batatas não faz eleições!* E voltando a pá para a urna deu-lhe um coice e raspou-se para o *Zodiaco*.

V. Ex.^{as}, minhas queridas leitoras, lembram-se duma grande praga de gafanhotos que houve aí por volta de 1640? Recordam-se, certamente, de que ficámos sem ter uma simples folha de couve para fazer um pires de leite e éme. Pois a praga da semana passada foi muito pior, não só atendendo a que esses bichos que nos visitaram são muito maiores — atingindo alguns dois metros e meio — mas porque se não

limitam aos vegetais, absorvendo também animais com uma voracidade que poz mais uma vez em sobressalto os gatos, os cães e outros animais de embalsamar.

As pessoas religiosas recorreram ás preces.

Os homens de ciência, rebuscaram nos livros uma fórmula eficaz para os estinguir, e o povo, habituado a ouvir dizer que depois dos anjos do céu eram os americanos os meninos mais bem comportados, pasmou da ordem, compostura e sobriedade daquêles gafanhotos, que por modéstia andavam por aí mascarados de perúas.



A um dêles vi eu fazer um gesto civilizador que me comoveu. Sabendo naturalmente pelos jornais que Portugal era o país da castanha, resolveu dar uma lição pública de aclamação e obediência, dando um formidável pontapé num assador que uma pobre velhota sacudia sobre um fogareiro, á porta duma taberna.

Nessa altura, o nosso Zé, que não é forte em línguas estrangeiras, applicou-lhe o sistema Berlitz com tal urbanidade que o marujinho, encantado, acabou por não saber de que terra era.

Dóra ávante o pior que se póde dizer a um americano é: lá vem um português!

E a uma mão de nabos: lá vem a esquadra americana!

A um e outro põem-se-lhe os cabelos em pé.

O governo, ouvindo dizer que não havia ouro e que o câmbio, ao contrário dos nossos aeroplanos, subia todos os dias, comprou uma data de libras usadas e pô-las em circulação.

Esta medida do ouro — parece impossível — mas é Argentina. Simplesmente lá usam a libra congelada, o que faz com que ela se conserve mais tempo nas algibeiras.

Ora, toda a gente calculou que, em aparecendo faturinha de dinheiro dourado, o câmbio, para ver se era verdade, descesse cá a baixo

a espreitar. Mas não senhor; subiu mais e mais. Ou se assustou ou disse lá consigo: — «é ouro americano, a mim não me comem», e desandou para a Ursa-maior.

Os bancos e os cambistas, é claro como' água-pé, limpam-nas por aspiração e, se antes havia poucas, agora... há muito menos.

O ministro arrepelou-se, tanto mais que as libras foram empres-



tadas pela Junta do Crédito Público para éle ir tirar o retrato vestido de Fazenda Nacional, com o intuito de o mandar aos aliados que se convenceriam de que não precisamos para nada da tal indemnização de guerra que nos querem dar por força.

Mas se os banqueiros lhas não querem devolver!

O que parece impossível é que o illustre estadista não previsse essa circunstância.

Nos clubs, por exemplo, há prata a rodos, mas ninguém cai na arára de a trazer cá para fora! E porquê?



O FOTÓGRAFO:—Olhem...

Perguntarão V. Ex.^{as} — que nunca lá foram nem sabem o que isso é. Porque furam as moedas no centro, o que lhes não tira a elegância mas reduz a velocidade: não correm.

Faça V. Ex.^a outrotanto ás libras e verá como elas voltam para a caixa. Isto de câmbios é bom para o *Gallito* que pesca de finanças e não corre o risco de ser colhido.

Há imensa gente preocupada com o nome próprio a dar ao casse-tête da policia.

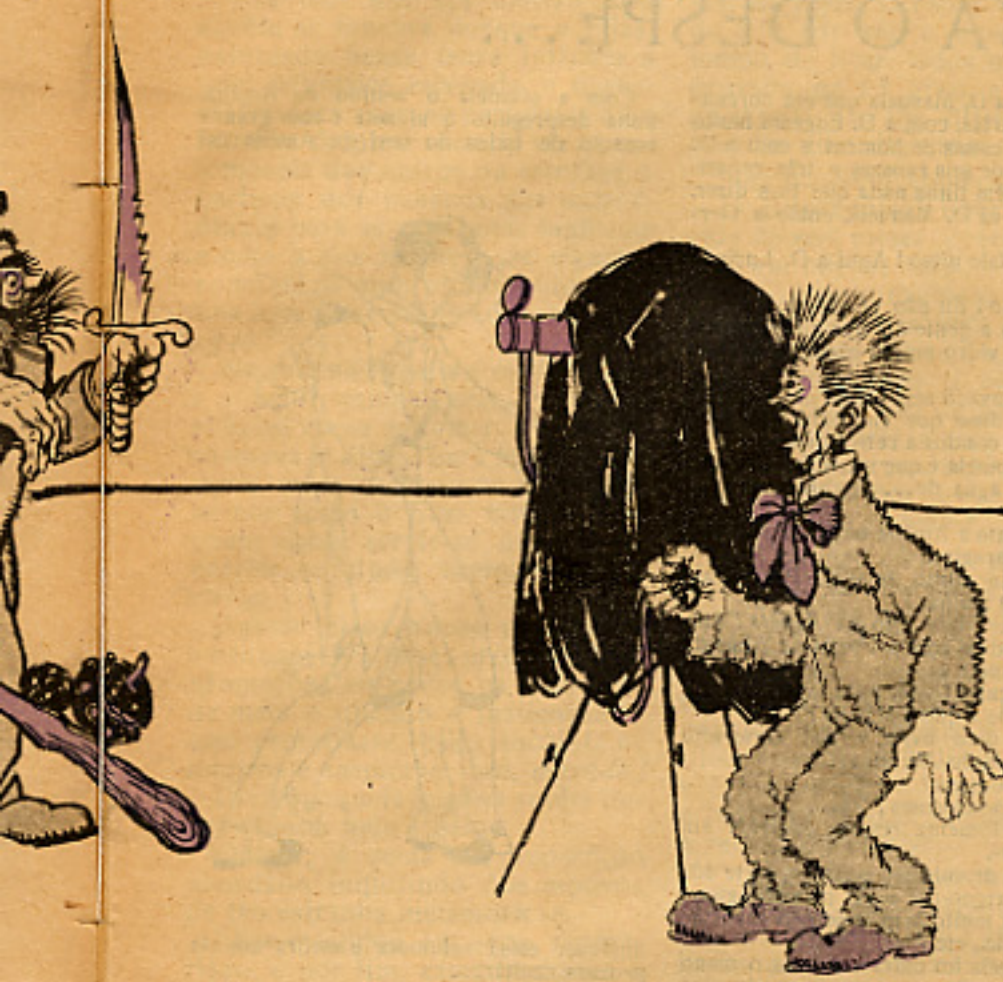
Uns querem que se lhe chame *varinha de condão*; outros *enxotamôscas* e alguns filólogos optam pelo *in-extremis*.

Não é indiferente uma criatura levar com um objecto de que nem sequer sabe o nome, nem um policia servir-se duma arma que não tenha uma identidade absolutamente definida.



Porque se não põe á votação? Elegia-se o nome, baptizava-se o

O VERDADEIRO HEROI



hem... o... passa... ri... nho...

(Desenho de Leal da Câmara)

instrumento e, nesse dia, que ficava para todo o sempre feriado oficial, outra festa nas esquadras e um bôdo oferecido pelo neófito a trezentos vadios dos mais necessitados.

E' lamentável que cada um lhe esteja dando o nome que lhe apetece sobre tudo numa terra onde se dizem tantos nomes feios.

Vá, levem isso ao registo civil quanto antes, não venha para aí alguma revolução que a criança morra moira!

Entre outras surpresas mais ou menos agradáveis, a Grande Guerra trouxe uma que deixa a perder de vista os contos de elles, Júlio Verne e Banco Colonial.

Já não falo nos progressos da aviação, dos submarinos ou do telefone sem fala; isso é quasi tão velho como a arca de Noé ou a *Anglo-Portuguese*. Refiro-me á máquina do tempo, que o homem com a sua audacia e sabedoria, chegou a manejar como quem atraza um Zenith ou adianta dois escudos.

O seu espirito preventivo calculou que, como tudo lhe faltava, lhe poderia faltar o tempo e, com o auxilio dum simples carangueijo, chegou a alcançar a subvenção de uma hora por dia, ou sejam, num ano, quinze dias adiantados.

Assim, conseguimos dentro do passado viver no futuro, visto que

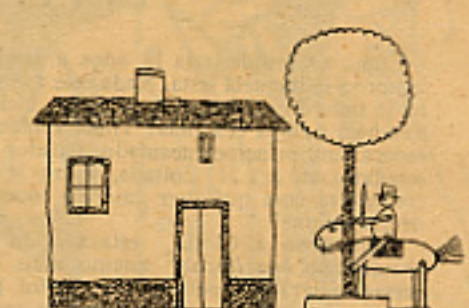
nunca existiu presente. Hein?!

Os que nasceram neste periodo, foram creditados no livro de S. Pedro por uma hora, assim como os defuntos debitados por igual tempo.

No meio de tudo isto há uma coisa que me preocupa: fala-se aí em tirar as subvenções. Teremos nós que descontar os dias que vi-

sem ter uma ideia bôa, lembrou-se de crear uma aldeia portugueza na Flandres. — Isso já eu sabia! Dirão V. Ex.^{ma} muito malcreadamente, ao lerem isto. Mas o que não sabiam

— e eu agora lhes digo muito declaradamente — é que a Flandres é no estrangeiro, e para levar d'aqui uma cruida, uma egreja, um chafariz e um poco, vem a custar a mudança — segundo o próprio autor da ideia confessa — uns trezentos contos, sendo a pau e corda porque em carroças... só no *sud-express*!



Havia quem pensasse que o distinto caricaturista se limitaria a desenharr isto tudo numa grande parede feita expressamente para esse fim lá na Flandres, levando ele daqui só os lapis, o que saia muito mais barato; ou então um simples letreiro

Aqui é a Aldeia Portuguesa

mas isso dava em resultado uma pessoa estar na aldeia e não ver as casas e por fim dizer com os seus botões: para isto não valia a pena ter incomodado a guarda republicana para ir tocar á *matiné*.

A ideia é digna dum poeta, mas, se o nosso Leal da Câmara quizesse fazer a *Aldeia da Flandres* cá em Lisboa, com a falta de casas que para aí ha, até o poço se alugava. E depois... com as festanças e recepções que por lá tem havido ao rei de Hespanha, eu convengo-me de que elles não distinguem bem os portugueses dos hespanhois... *malgrè tout*.

Não fossem chamar-lhe mais tarde, com o baralhar dos tempos, em vez de *Aldeia Portuguesa* um *Rincon de Andaluzia*...



vemos a mais pelas necessidades da guerra? E' possível que sim, mas, entretanto, resta-nos uma esperança: que S. Pedro nos faça o mesmo que o governo vai fazer aos empregados públicos, baseado na lei... das compensações: tirar dos *pequenos* para os *grandes*.

Eu cá por mim, com 1^o,72 estou nos *grandes*.

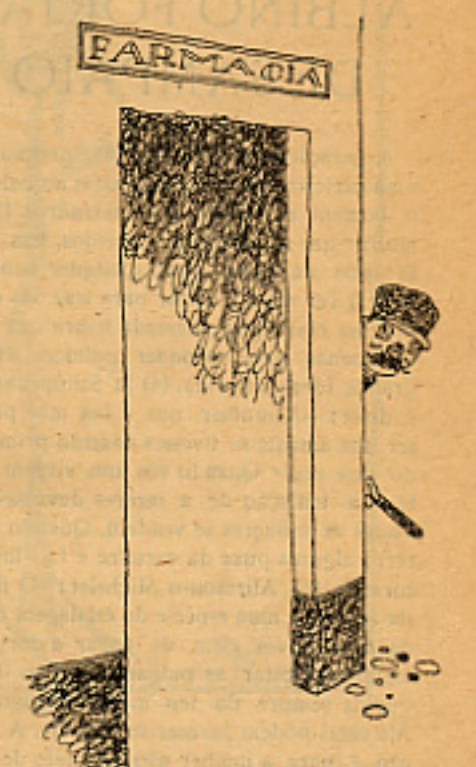
Deus queira que não saiam *azes*.

O nosso querido amigo Leal da Câmara, que não pode estar tres dias

e... *caminha* quando ainda não saiba dormir em pé.

A policia vigia as farmácias, mas até agora o que tem apreendido é citrato de magnesia que — como se sabe — ao contrário da tal droga, faz uma pessoa andar num corropio. Simples confusão: os policias ao receberem a ordem perceberam *cacaina* e daí o erro, que já foi desmanchado.

Hontem, um guarda perguntava a outro que, á esquina da rua, não largava d'olho as portas duma botica:



— O' 70! Que raio estás tu aí a fazer?

— Estou á *coca*.
— A' *côca* de quê?
— A' *côca*... *ina*.

João Beltrano.

POSTA RESTANTE

Conde Artoff. — O primeiro é pornográfico e o segundo não tem graça. A forma é boa mas os dois princípios estabelecidos são para nós leis.

Dr. Thapsiús. — O cavalheiro teve uma ideia feliz mas não soube fazer coisa de geito. Mal empregada!

Uma vez ouvi falar na *cocaina*. Julguei que era uma doença dos chapeus de côco e — estávamos no verão — comprei um palhinhas. O palhinhas adoeceu daí a um mez e eu disse comigo é *palhaina*, e comprei um côco.

Agora oiço outra vez falar em *cocaina* e explicam-me que não é coisa que dê nos chapeus, mas sim nas cabeças. Ia para comprar outra cabeça e revelaram-me então o segredo.

A *cocaina* é o anestésico da moda. Homens e mulheres *cocainizam-se* para não sentirem a vida. Emprega-se muito nas dôres de cotovelo e as nossas gentis mundanas trazem-na, á laia de caixa de rapé do século XVIII, no seu indispensável de seda e missanga.

Para um país que quer caminhar, o remédio é a última das maravilhas porque aquilo é uma pessoa tomá-lo



NO MESMO ESTILO...

A SOIRÉE DOS FONSECAS

OU

QUEM O ALHEIO VESTE NA PRAÇA O DESPE...



V

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

A geração é de cobardes. (1) Surripiando uma carteira, fazendo negócios ao balcão, o homem é o peor dos malandros. (2) A mulher que se prostitui a marujos, tem tanta lama na alma como qualquer condessa! (3) Ter manha, atirar para traz das costas com essa coisa chamada honra que serve apenas para esconder pulhices, eis o grande ideal da vida. (4) Já Schopenhauer o disse: «A mulher que é tua mãe podia ser tua amante se tivesses nascido primeiro do que ela!» Quando vês uma virgem não teas a tentação de a fazeres devassa? (5) Todas as mulheres se vendem. Quando quizeres alguma puxa da carteira e fála-lhe ao coração. (6) Afirmou-o Michelet: «O peito da mulher é uma espécie de estalagem onde os almocroves além de pagar a dormida tem que catar as pulgas!» Se tens filhos duvida sempre do teu melhor amigo. (7) A's vèzes podem parecer-se com êle. A traição é para a mulher não um meio de viagem, mas uma satisfação á sua natureza feminina. (8) Lê num livro de Zola: «Pela manha, os lábios das noissasam antes sabem aos cigarros dos nossos amigos!» Quando receberes uma carta anónima acredita sempre. (9) ela diz a verdade que tu muitas vezes occultas a ti mesmo. (10) «Nunca sejas honrado», disse Max Stirner, a honra é uma coisa para admirar nos outros. (11) Se és escritor faze livros de tudo, senão não te governas. (12).

- (1) Maxie o Gerli.
- (2) Draper.
- (3) Hartmann.
- (4) Talleyrand.
- (5) Maxime do Camp.
- (6) Flábio de Almeida.
- (7) Dostolewsky.
- (8) Nietzsche.
- (9) Max Nordau.
- (10) Sienkiewicz.
- (11) E. Zola.
- (12) Albino Forjaz de Sampaio.

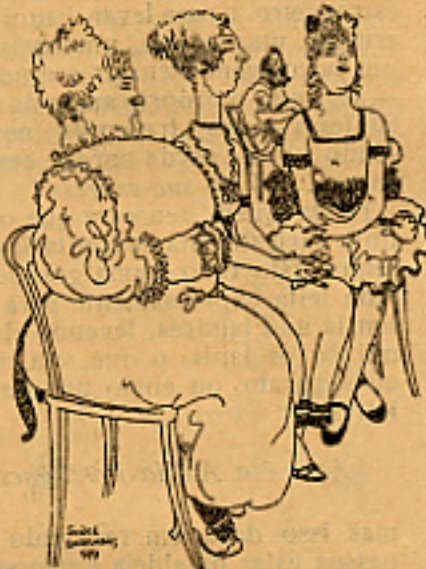
Diz estas coisas todas, mas não faz mal a ninguém. Trabalha de manhã á noite. Tem a mania de ser cínico mas é doido por duas filhinhãs que tem e que são duas garótas muito interessantes.



Como a Clotilde fazia 18 anos a familia lembrou-se daquela festa. Nada que a Amélia já tinha 24 e a respeito de casar, nicles! Também a culpa era dela! Tinha estado á espera dum príncipe encantado, tocador de serenatas, até aos 21! Coitada, agora já se contentava com qualquer caixeiro tocador de gramofone!

Além disso a Clotilde estava o que se chama uma *boa lasca* e quanto mais depressa se livrassem dela melhor. E foi por estas razões que os esposos Fonseca resolveram aquella festa.

— Oh! Clotilde! Viste a escova do fato?



— Sei lá disso! — dizia a Clotilde, aquecendo o cabo do garfo de ferro a fim de enrolar as farripas das patilhas.

— O' senhores! Nesta casa tudo desaparece — comentava a mãe em saias de baixo — As calças do teu pai também levaram o mesmo!

— O' mamã, pregue-me aqui um alfinete, — pedia a Amélia apresentando uma abertura equívoca da saia, enquanto descarregava um vagon de pós de arrós sobre o pescoco negro.

O pai Adrião Fonseca, lá no quarto largava uma porção de *raios te partam* á desarmônia da gravata, do colarinho e da camisa, quando a campainha badalou. A Rita foi abrir de mau modo, limpando as mãos ao avental sibento. Eram os Almeidas, o sr. Julião Almeida, a D. Lucinda de Almeida e a Ernestina, filha primogénita, de 21 anos, apaixonada efectiva de cadetes e a Palmira, frequentadora suplenete de animalógrafos e estudantes palermas.

— O' Rita! Manda entrar para a sala!... E os Almeidas avançaram para a sala, (espécie de caixote ampliado, com retratos dos FONSECAS mascarados, um canapé muito anémico, vários alburns e um piano que quando lhe tocavam gritava como se lhe pisassem os calos. A mãe Fonseca apareceu dando ao leque.

— Oh! Não repare! Mas a modista falou-me!

— A Amélia? — perguntou a Ernestina que tinha sempre segredos para dizer á procurada.

— Está á acabar de se arranjar!

— O' sr. Adrião! Você é como a noiva! — berrou o pai Almeida.

A D. Lucinda achou imensa graça e de novo a campainha sacudiu. Eram o Augusto Amado do Simões Carneiro e o irmão, o Eleutério que tocava guitarra que até parecia impossível. O Adrião no quarto procura as calças, sem achar terra prometida. Onde estarão estes ratos!? Esta casa!

Chegaram mais convidados, o Freitas da Cooperativa, que dançava o maxixe, a família dos Sousas da capelista, as Saraiwas do Botequim, o Guerra *chauffeur*, o Silveira das malas, etc, etc. As dez horas a sala tremia com as valsas e o Adrião Fonseca procurava atraz dos móveis as calças sem as encontrar.

Num grupo a D. Lucinda falava com a

mãe Fonseca, a D. Manuela que era corcunda e detava cartas, com a D. Eugénia muito entendida em coisas de homens e com a D. Efigénia, mãe de seis rapazes e três raparigas que ninguém tinha nada que lhes dizer.

— Diga-me cá D. Manuela, então a Gertrudes...

— Não me fale nisso! Aqui a D. Lucinda é que...

— Eu?! Não! Eu não vi nada!...

— Pois toda a gente diz que a D. Lucinda viu ela deitar vidro moído na sopa do marido!

— Eu?! Louvado seja Deus! A D. Efigénia é que me disse que ela tinha um sapo com os olhos cosidos a retrós preto...

— A D. Manuela é que me tinha dito que ela lhe dava agua de... percebe! Lavado!

— Oh!...

A outro canto a Amélia ouviu o Augusto do Simões Carneiro.

— Esta hoje muito bonita! Parece até que está mais mulher!

— Oh! Não diga isso sr. Augusto! Enquanto a Clotilde com a Ernestina Almeida iam para a janela...

— Não calculas! Vem tudo explicado!...

— Mas onde é que o achaste?

— Dentro dum livro velho! Descobri que foi partida do Alfredo...

— E tem bonecos?

— Tem! Não calculas! As...

O Adrião Pimenta resolve aparecer em calças caseiras.

— V. Ex.^{as} desculpem, mas uma forte dôr de dentes obrigou-me a vir mesmo assim!

Que estava muito bem, que não eram de cerimónias, etc, etc.

A D. Manuela foi outra vez para o piano tocar a valsa. «Os suspiros da madrestiva vaidosa» que tocava com muito sentimento.

— Mas onde diabo meteste tu as calças!

— segredava o Adrião Fonseca a mulher.



— Já te disse que estavam em cima da cama!

O Freitas da Cooperativa largou a ausência de guitarra.

— O instrumento nacional! Basta ouvi-lo para a gente chorar!

— E' verdade confirmou a D. Efigénia, quando eu namorava fartei-me de soluçar por causa do meu Casimiro que todas as noites ia tocar bandolim para debaixo da janela! Lembra-te Casimiro!

— O Camacho é um idiota! — Era o Casimiro que discutia como democrático que era, com o Antunes e o Fonseca que não eram da côr...

O Augusto avançava a um canto com a Amélia.

— Que lindo busto que tem!

— Não diga isso sr. Augusto!

Forsam dançar. O piano soava por quantas juntas tinha e desatinava com muito gofo... e durante a dança o Augusto e a Amélia...

— Sabe que gosto muito de si...

— Ora! O senhor diz isso a todas!

— Não digo, não...

— Desde que vi o seu lindo busto!...

— Ah! E' só o busto?...

— Também gostava que fôsse em corpo inteiro?

— Gostava...

— Amo-a!

— Ah! Lá me pisou o vestido...

— Oh! desculpe, creia que... mas...

Com a pisadela o vestido da Amélia tinha despregado o alfinete e com grande espanto de todos do seio da Amélia cai



qualquer coisa volumosa e escura que ela procura occultar...

— O' Amélia! Que diabo é isso? — avançou o João Fonseca.

— Não é nada...

— Isso escuro?... Ah! As minhas calças!

Era verdade. A Amélia tinha arranjado aquele *truc* para avolumar o seio... por isso o Augusto...

— Á sua porca! — gritou o pai, ante o disfarce de todos e enquanto a Amélia fugia de calças na mão muito atrapalhada.

LUÍS DE SOUSA.



Comentários alcoólicos



— Por mais que afoque os desgostos em vinho não há maneira! Os malditos sabem nadar...

UM DESEJO O RISO ALHEIO

O Elias, o pontual Elias, da 4.ª repartição da Agricultura Naval, andava há uma semana mudo e cabisbaixo. Falta de dinheiro? Talvez.

As isso não era motivo para aquêle ar funebre porque o Elias, habituado desde tenra infância a uma pelintrice escovada e digna, creára para seu uso particular uma filosofia simples; quando via os automóveis dos outros ou aspirava o perfume dos havanos dos outros, olhava para as suas botas cambaias e para a sua hipotese de cigarro, encolhia os ombros sorrindo, e tinha esta frase resignada: *ora, deixá-lo!*

No ministério era a melhor letra e a maior competência. Para uma simples conta de somar, o ministro chamava o Elias; para se saber que horas eram chamava-se o Elias e, se por acaso o Elias faltava, ninguém sabia servir-se dum mata-borrão ou duma campainha eléctrica.

Apesar disso nunca passava de amanuense. Via-se preterido nas promoções em todos os quatorzes de maio e quando o instigavam a que protestasse, Elias encolhia os ombros e suspirava: *ora, deixá-lo!*

Porisso aquella tristeza subita impressionou toda a gente.

Ontem, á saída da repartição abordei-o inquirindo dos motivos de tão estranha metamorfose.

Elias mastigou em seco, contrariado, e por fim, estendendo-me a mão abreviou: «desgostos de família». E lá a esquivar-se. Segurei-o com brandura e travando-lhe do braço, amigavelmente, ofereci-lhe os meus préstimos; falei-lhe da nossa camaradagem, dos inconvenientes da solidão, dos Três Mosqueteiros e do preço das carnes verdes. Isto pareceu comovê-lo, e, então, entre lágrimas e gestos de desânimo, contou-me os porquês das suas máguas.

Elias é casado e tem um filho, filho que, apesar de manipulado com todo o carinho e precauções, saiu imperfeito como o preterito do verbo amar. Por culpa da esposa? Não! D. Emerenciana, não sendo uma beleza absolutamente peregrina, distingue-se comtudo, entre o seu sexo, por um ornamento capilar bastante notável que por modestia barbeia todas as semanas. Foi o caso que, achando-se a pobre senhora no sexto mês de gestação, duma gravidez fulminante, manifestára desejos por uma pele de raposa que tinha visto numa loja da rua Augusta. O marido não fez grande caso. As vizinhas ainda aconselharam: «compre-lhe a pele sr. Elias; olhe que a criança pode vir de boca aberta». Elias, por comprazer foi saber o preço e, quem veio de boca aberta foi elle. Tendo que lá deixar a própria pele, desistiu.

A esposa entristecia a olhos vistos, mas o nosso bom homem encolhia os ombros, pacientes, murmurando: *ora, deixá-lo!*

Tempo depois nascia um menino; mas, — oh capricho da natureza! — as feições eram de raposa escrita e escarrada, e em tudo semelhantes á do original desejado!

Elias esteve para morrer, mas lembrando-se de que faltaria á re-

partição, sacudiu o desgosto, consolou a mãe e beijando o filho exclamou quasi alegre: *ora, deixá-lo!* E a vida desliza serena como em mar de rosas. O rapaz foi crescendo e, a não ser o ligeiro contratempo de ficar todos os anos reprovado no 1.º grau, a influência da raposa não lhe alterava as funções do tubo digestivo.

Porém, — aqui começa a tragédia — D. Emerenciana novamente grávida de seis meses, desejou há oito dias um bife de vaca!

Elias, com o exemplo do primeiro fenómeno, resolveu desde logo satisfazer-lhe o desejo e, a o ultas, tendo empenhado o relógio e a bengala de castão de prata, e com o auxílio de três meses adiantados que pediu na repartição, lançou-se como doido por essas ruas em busca do bife redentor.

Nos talhos, onde a principio o procurou, os magarefes sorriam com desprezo ao ver um pelintra, de fato virado, pedir uma coisa daquelas que, apesar de não existir, custava uma fortuna. Alguns, mais novatos, nem sabiam o que era, e Elias munido dum l'pis desenhava sobre a pedra do balcão uma vaca e indicava o local donde provinha o requerido manjar.

Chegaram a cuspir-lhe na cara. Procurou nos restaurantes. Só um criado velho, no Leão, se lembrava de ter visto um bife quando foi do ultimatum, mas esse mesmo tinha desaparecido para as bandas do mar.

Poz anúncios, ofereceu alvícaras, mas apenas lhe respondiam senhoras respeitáveis pedindo vinte mil réis para uma alicção de pouca permanência.

Estava exasto; necessitava dum conselho.

— Coração ao largo! — disse eu para o animar. Tem paciência e espera.

— Esperar! — volveu elle no cume do desespero — Pois não vêes que, não tendo eu satisfeito o desejo da pele, o filho sai-me raposa?! Supõe agora que não satisfaço o do bife e me sai uma tilha vaca!

E dizendo isto Elias com o rosto occulto entre as mãos chorava como um vitelo.

— É lá possível — insisti — e... mesmo que assim fôsse, há animais dêsse com uma certa beleza...

— Beleza! — *Ora, deixá-lo!* O que me rala é a repartição, o meu lugar! Podem pensar que eu jogo.

— ?! —
— Sim, começam para aí a espalhar que faço vacas... e sou despedido!

Creio que o Elias não está bom da cabeça.

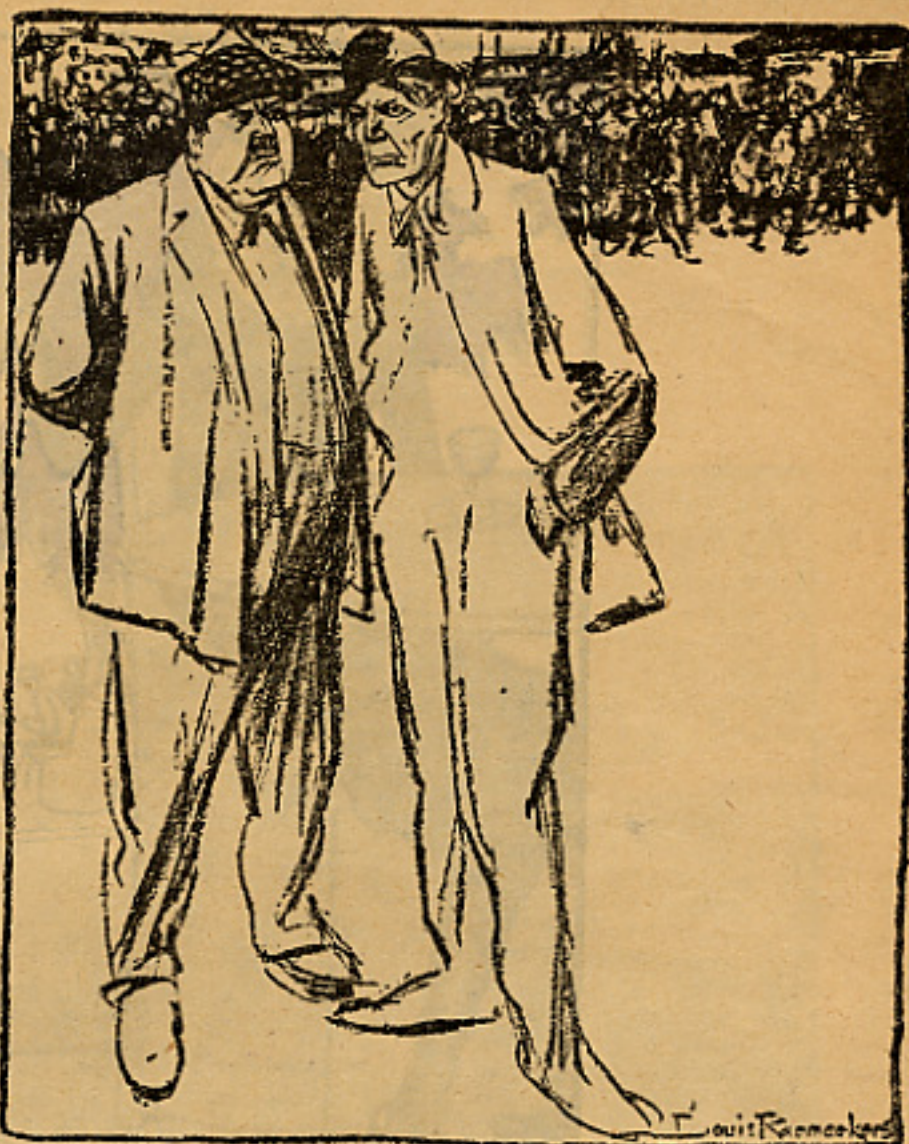
Hoje entrou na repartição a pé coxinho e deu uma marrada no chefe.

— Arre seu Elias — disse elle — você parece um boi!

E o Elias com um sorriso de mente:

— Pareço? *Ora, deixá-lo!* E poz-se a lambar um officio.

JOAO BELTRANO



— Então os «gajos» voltam p'ró trabalho?

— Já nem grevista profissional se pode ser!

(Desenho de Kaemaekers)

DE CACETE Á ESQUINA . . .

«PERDOAR»

por Americo Durão

Trata-se de uma peça já representada no teatro Nacional. Américo Durão, é um novo, um que principia bem, dil-o o diálogo facil da sua peça, e o amor com que tratou os personagens da sua obra. Longe de ser uma obra prima, *Perdoar* tem senas bem feitas, com tratro, não abusando dos monologos, mas antes fazendo as senas curtas e bem distribuidas. Américo Durão, mostra que é capaz de fazer mais e melhor. Que não se esqueça d'isso.

«AMOROSOS»

por Amelia de Guimarães Vilar

Mal refeitos dos sonetos de Maria José, eis que aparece sobre a nossa banca de trabalho, delicado e cumprimentador outro livro de versos assignado por uma senhora do Porto. E nós pensamos que se isto assim continua, as senhoras de Lisboa sofrem um cheque pouco agradável!

Amorosos é um livro de versos que qualquer dos nossos poetas assignaria de bom grado. Tem quadras soberbas, como por exemplo, as que iniciam o soneto *Interrigação*, mas a par destas muitas outras são também perfeitissimas. E já agora diremos, para que se não julgue que somos fáceis de iludir, que a auctora deveria deixar de fazer sonetos, e isto porque sabendo compor sempre as quadras iniciais com raro brilho, não cuida com o mesmo amor os tercetos

finais o que desvaloriza a composição. E deixe-nos dizer-lhe, ha ali amor por todos os cantos! Ha cada beijo que a gente até sente a alma voltar-se do avesso! Ha vida, carne que palpita mocidades! Gostamos, e tolo será quem disser o contrario...

«A COROA DE ROSAS»

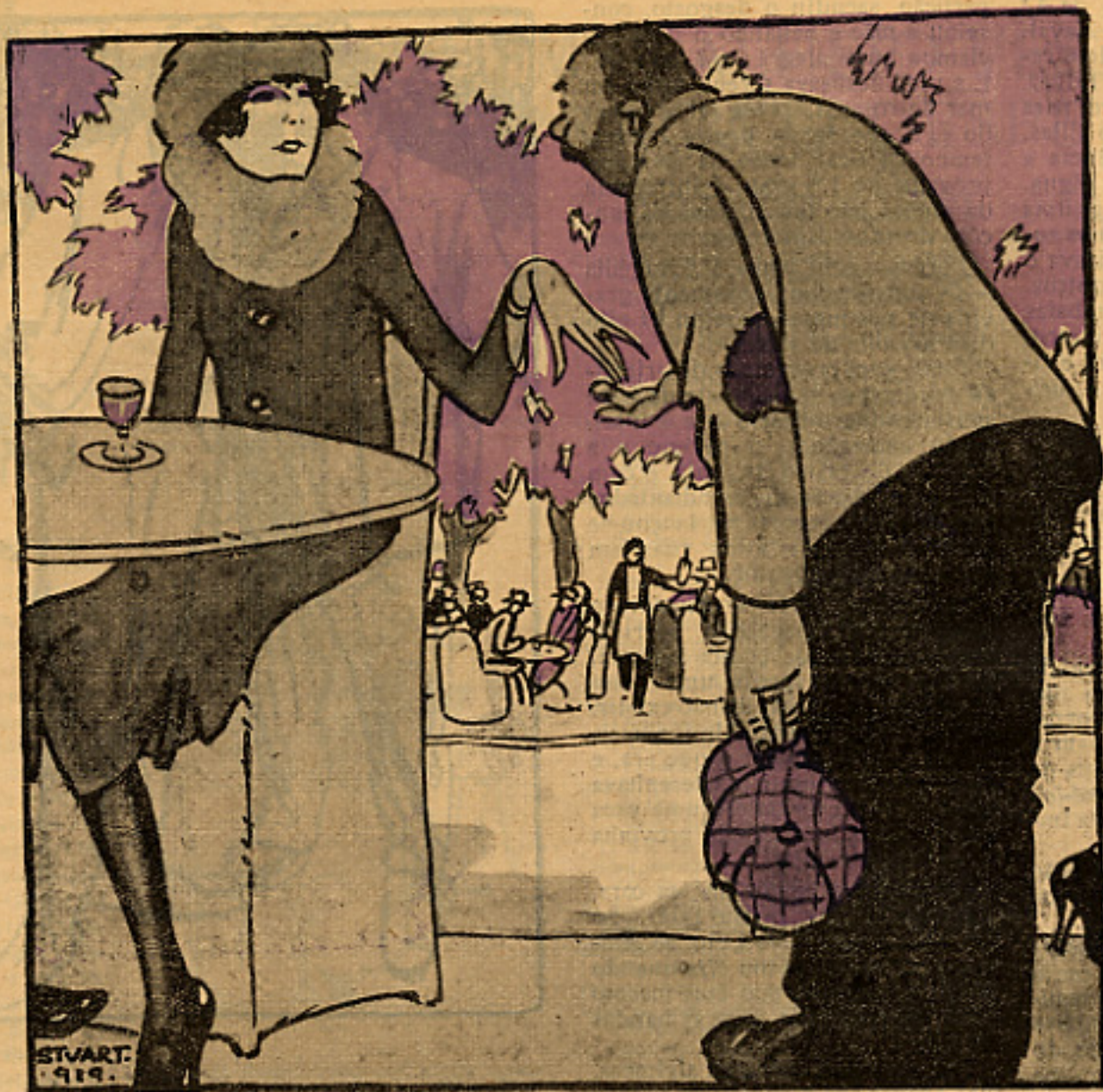
por Carlos de Moraes

Uma peça num acto, em verso. Deve o autor estar certo de que não fez nenhuma Africa, mas deve acreditar tambem que ha quem faça muito peor. Se ha esitações nalguns versos, ha qualquer coisa de condoido que não val mais e que o auctor deve cultivar porque tem qualidades. Não é obra de grande valor, mas é um principio para fazer qualquer coisa de geito.

JOAO BAETA.



RAZÃO FORTE



— Pégue lá este vintem e agora vá gasta-lo na primeira taberna que encontrar!
 — Na segunda! Na segunda é que há uma pjinga de estalo!

(Desenho de Stuart Carvalhaes)

AOS VATES CONCURSO DE VERSOS ESTÚPIDOS

Como anunciámos no número anterior, abrimos concurso de versos estúpidos nas nossas colunas, para que se não diga que não cuidamos de letras pátrias. Um primeiro prémio de 100\$00 será oferecido á quadra de maior estupidez que se apresente e outro de 50\$000 á que se lhe seguir. Até á data recebemos nesta redacção as seguintes quadras-candidatas:

Faz hoje anos que subi
 Os degraus da tua escada,
 Só me lembro que te vi
 Mas não me lembro mais nada.

CANDIDO PACHECO.

Porque é que o amor é branco
 Perguntaste meu amor!
 O amor da gente é branco
 Porque não é doutra cor!

LUIS BRAVO DE LACERDA.

As tranças do meu amor
 Parecem ferros d'el-rei,
 Que me prendem ao seu seio
 Com mais força do que a lei!

CARLOS DE AZEVEDO.

Não te vás meu bem embora
 Porque eu não sei o caminho
 Que o coração quando chora
 É sempre devagarinho!

MARIA DA NAZARE.

Um dia me perguntaste
 Quantas estrélas havia.
 Eu desatei a contá-las
 Mas nisto nasceu o dia!

ANITA SIMÕES.

Ouvi alirmar á lua
 Que o teu corpito, morena,
 Quando estás completamente nua
 É tal qual uma açunena!

PAULO SOLANO.

As rosas do meu canteiro
 São beijos que te hei-de dar!
 Meu coração jardineiro
 Não tem água p'r'as regar!

ÁLVARO PIRES DA SILVA.

Não param as minhas máguas
 Desde que a vi, minha senhora
 A fazer uso das águas
 Lá em Paredes de Coura.

José de Meio e Vasconcelos.

Bebi ontem as tuas lágrimas
 E já achei o motivo
 Porque uma vez te suicidaste
 Com sublimado corrosivo.

Alvaro Nicholson.

Fui apanhar malmequeres
 Na porta do pensamento
 Quando voltei para casa
 Constipei-me c'o relento.

Clemente Galinha.

Foste-me falar á escada
 Em palmilhas de sapato
 Mas não me disseste nada
 E até me chamaste ingrato.

Manuela de Sousa.

Meu amor é militar
 Anda de farda bordada
 Quando vai para o quartel
 Leva a espada pendurada

Laura Dantas da Silva.

Nas ondas do meu cabelo,
 Já uma vez te deitaste
 Inda a mim mesmo pergunto
 Porque é que não te afogaste.

Rayel de Santarem.

Cá esperamos mais concorrentes
 Avante peia literatura nacional
 De pé, famélicos do verso!

